

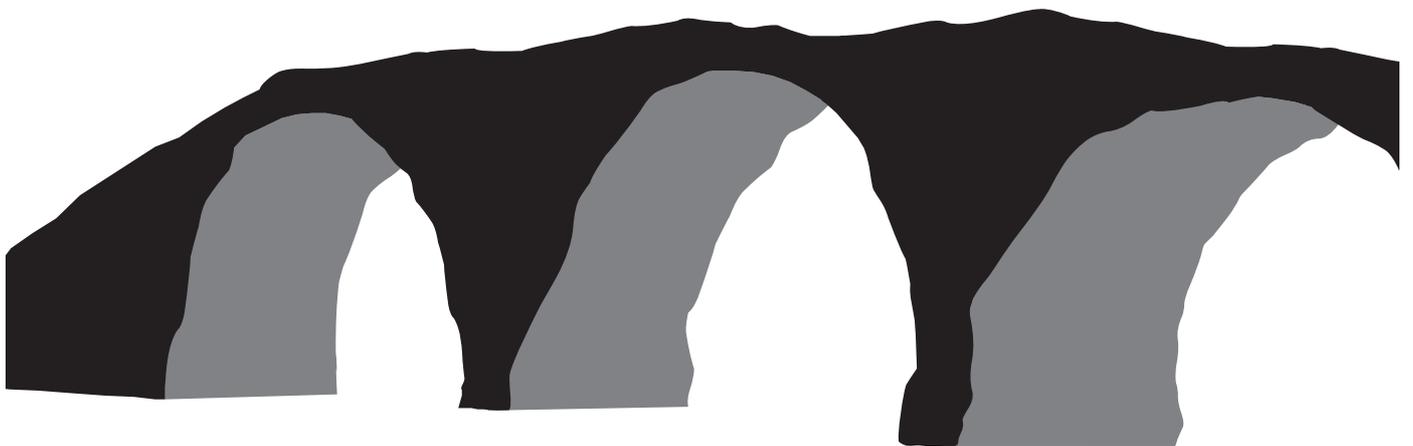
VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica

Volume 5 | Número 1 | Janeiro – Junho 2011

ISSN 1981-5875

**ÁRTICO E ANTÁRTICA – DIFERENTES, PORÉM
SIMILARES: DESAFIOS PARA A CONSERVAÇÃO
PATRIMONIAL NO ALTO ÁRTICO**

Susan Barr



ÁRTICO E ANTÁRTICA – DIFERENTES, PORÉM SIMILARES: DESAFIOS PARA A CONSERVAÇÃO PATRIMONIAL NO ALTO ÁRTICO¹

Susan Barr

RESUMO

O Ártico e a Antártica, apesar de serem agrupados como “regiões polares” e apresentarem similaridades, são regiões bastante diferentes, em vários aspectos. Essas regiões se distinguem claramente uma da outra por sua geografia, clima, política, flora e fauna, tal como a história de presença nativa no Ártico. A relativa acessibilidade do Ártico, se comparada ao acesso mais restrito à Antártica, levou a uma maior diferenciação e mais longa história de impacto humano na região polar norte e também a um patrimônio cultural conseqüentemente maior e mais diferenciado no Ártico. Esse artigo oferece um panorama de alguns dos desafios da conservação patrimonial no Ártico, os quais têm sido agravados pelas mudanças climáticas, e mostra como a cooperação entre profissionais da área do patrimônio, em ambas regiões polares, é não somente frutífera, mas também necessária.

Palavras-chave: Ártico e Antártico, Patrimônio histórico polar.

RESUMEN

Aunque suelen agruparse como “las Regiones Polares”, ya que el Ártico y la Antártica tienen grandes similitudes, presentan sin embargo, grandes diferencias. La geografía, el clima, la flora y fauna, las políticas gubernamentales y las relaciones internacionales, claramente distinguen una de la otra y, más aun, el Artico tiene su propia historia indígena. La relativa accesibilidad del Ártico comparada con la Antártica le agrega, a la primera, una diferenciación en términos de una mayor historia del impacto humano y un patrimonio cultural más prolongado y mas diferenciado. Este artículo proporciona una aproximación a los desafíos que enfrenta la conservación del patrimonio en el Ártico – el cual se ve agravado por el cambio climático – y muestra como la cooperacion entre los profesionales del patrimonio en las regiones polares es altamente fructifero y necesario.

Palabras-clave: Artico e Antartico, Patrimonio histórico polar.

¹ Artigo publicado como “Arctic and Antarctic – different, but similar: challenges of heritage conservation in the high arctic”. IN: Susan Barr e Paul Chaplin (orgs). *Polar settlements - location, techniques and conservation*. Norway: ICOMOS-IPHC, 2011. Pp: 14-23. Publicado aqui com autorização do autor. Tradução de Sarah Hissa.

ABSTRACT

Although grouped together as “the Polar Regions”, the Arctic and Antarctic admittedly have similarities, but are in many ways quite different. Geography, climate, politics, flora and fauna clearly distinguish the one from the other as does, not least, the indigenous history of the Arctic. The relative accessibility of the Arctic compared to the Antarctic has led to a far more differentiated and much longer history of human impact in the northern region, and from this also a larger and more differentiated cultural heritage. This paper gives an overview of some of the challenges of heritage conservation in the Arctic – which are mostly aggravated as a result of climate change – and shows how cooperation between heritage professionals in both polar regions is both fruitful and necessary.

Key-words: Arctic and Antarctic, Polar historical heritage

INTRODUÇÃO

As extremidades do mundo – pólos separados. Frequentemente compreendidos como variações de um mesmo tema, as duas regiões polares compartilham muitas características, mas são, ainda, fundamentalmente diferentes em vários aspectos.

A Antártica é comumente descrita como o continente mais frio, mais seco, com os ventos mais fortes e mais alta elevação média². É 1,4 vezes maior que os EUA e é circundado por três grandes oceanos – Atlântico, Pacífico e Índico – distante 1000km da América do Sul e 4000km da África do Sul. Por volta de 98% do continente é coberto por gelo de 1,6 km de espessura média, o que corresponde a 70% aproximadamente da reserva mundial de água potável. No inverno, com o congelamento do mar, a extensão do continente se estende a mais que o dobro do seu tamanho no verão.

Politicamente, a Antártica é uma área internacional definida como toda terra e mar a sul do paralelo 60° Sul. As reivindicações nacionais a territórios antárticos não foram abandonadas, mas estão suspensas por hora, e o *Antarctic Treaty System* regula as relações internacionais na área e dedica o continente à ciência e a outros propósitos pacíficos. Nunca houve uma população nativa no continente e as bases científicas são os únicos assentamentos mais ou menos permanentes, abrigando, durante o verão, aproximadamente 4000 cientistas e equipes de apoio, enquanto, durante o inverno, aproximadamente 1000 pessoas. Mais de 40.000 turistas visitam a Antártica no verão, na maior parte se mantendo a um número limitado de sítios e áreas visitadas.

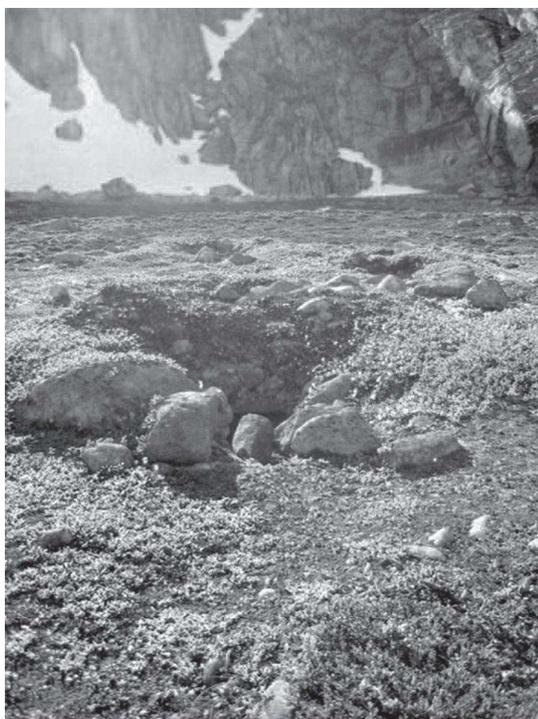
O Ártico, por outro lado, é um oceano circundado por terra – os territórios nacionais dos EUA (Alasca), Canadá, Dinamarca/Groenlândia, Noruega (Svalbard) e Rússia. O centro do Oceano Ártico é permanentemente coberto por gelo, o qual em sua extensão máxima no inverno atinge as margens de terra. As mudanças climáticas atuais afetam o Ártico mais notadamente do que a maioria das outras regiões e a diminuição do gelo ártico está sendo monitorada de perto.

Delimitar a extensão do Ártico é mais difícil que delimitar a extensão da Antártica. Várias definições levam em conta as temperaturas médias no verão, extensão do permafrost, zonas de vegetação e outros parâmetros, os quais oferecem uma miríade de linhas onduladas, correndo entre o Oceano e o pólo norte. O Alto Ártico é o nome usualmente dado à área mais ao norte, onde o clima é mais duro e as condições são mais extremas para todas as formas de vida (humana, flora e fauna). Todas as áreas nacionais, exceto o arquipélago de Svalbard, apresentam populações nativas e também áreas muito extensas e ermas, com pouca ou nenhuma evidência de assentamentos ou exploração anterior.

2 A título de exemplo, ver Wikipedia.

IPHC / ICOMOS: UNINDO OS PÓLOS

O *International Council on Monuments and Sites* (ICOMOS), em 2000, aprovou a formação de uma organização científica internacional para áreas polares: o *International Polar Heritage Committee* (IPHC – www.polarheritage.com). Essa ação baseou-se no reconhecimento de que, apesar de serem áreas separadas no mundo, tanto a Antártica quanto o Ártico apresentam similaridades no tocante à diversidade cultural, assim como desafios e soluções para sua preservação. Portanto, pareceu lógico e produtivo aproximar cientistas, especialistas em conservação e gestores do patrimônio, que trabalham ao menos em uma dessas regiões, para que esses possam compartilhar, em benefício mútuo, os problemas, resultados, soluções e idéias advindos de suas pesquisas. Para manter o campo científico o mais homogêneo possível, o primeiro objetivo do IPHC foi definido como: promoção da cooperação internacional acerca da proteção e da conservação do patrimônio não-nativo da Antártica e do Ártico. Ao mesmo tempo, no segundo objetivo desse órgão – consultar e cooperar com povos nativos do Ártico acerca de significados inter-culturais desse patrimônio – foi reconhecido que a herança cultural do Ártico apresenta uma origem nativa que não poderia ser ignorada pelo IPHC. De fato, para vários dos membros do IPHC, seria impossível omitir o aspecto nativo em seus trabalhos no Ártico.



Vestígios de um assentamento Esquimó Thule, no leste da Groenlândia. Foto: Susan Barr

PATRIMÔNIO CULTURAL COMO UM FATOR COMUM

O uso não-nativo de ambas as regiões polares concentrou-se principalmente na exploração de recursos naturais, através da caça, através da caça remota (aprisionamento do animal por armadilhas) ou através da mineração. A ciência e a exploração, no sentido da investigação do desconhecido, são contribuições adicionais a esses monumentos e sítios deixados hoje. Sítios referentes a usos passados do espaço antártico lembram sítios nativos do Ártico, no tocante ao seu modesto tamanho e materiais utilizados, podendo ser de compreensão difícil para não-profissionais. Madeiras de naufrágios, ossos de baleias, rochas e formações rochosas utilizadas total ou parcialmente como abrigo, são descritos como elementos de refúgios foqueiros nas ilhas do arquipélago Shetland do Sul³, datados do início do século XIX, e podem ser facilmente comparados aos sítios do Alto Ártico, onde algumas poucas pedras grandes em posição artificial podem ser indício de uma ocupação anterior, um enterramento ou algum tipo de marco. A datação casual de tais sítios pode ser um problema, de modo que é necessária a análise profissional para definir se se tratam de sítios de 10 ou 100 anos atrás.



Choupana de Ernest Shackleton, 1908, no Cabo Royds, Antártica. Foto: Ed Anderson.

3 Ver Stehberg, Ruben 2004: *Archaeologists document historical heritage in the South Shetland Islands*. In: *Polar Monuments and Sites: Cultural heritage work in the Arctic and Antarctic Regions*. IPHC, Norway e Stehberg, R., Pearson, M., Zarankin, A., Senatore, X. and Gatica, C. 2008: *Protection and preservation of the oldest sites of the Antarctic: the case of Fildes Peninsula and Byers Peninsula in the South Shetland Islands*. In: *Historical Polar Bases – Preservation and Management*. IPHC, Norway. (Ver também M Pearson/R Stehberg. “Geographic and technological influences on the location, nature and conservation of 19th century sealing sites in the South Shetland Islands” IN: Susan Barr e Paul Chaplin (orgs). *Polar settlements - location, techniques and conservation*. Norway: ICOMOS-IPHC, 2011.).

Um dos símbolos mais proeminentes do patrimônio cultural antárticos são as choupanas da era heróica, no início do século XX: choupana de Carsten Borchgrevink, referente à sua expedição de 1898-1900 (a primeira expedição científica a passar o inverno no continente e as primeiras edificações levantadas lá), a de Otto Nordenskjöld, de 1901-04, duas de Robert F. Scott, referentes às expedições de 1901-04 e 1910-13, uma de Ernest Shackleton, de 1907-09, e uma de Douglas Mawson, de 1911-14.

Existem muitas choupanas no Ártico. Somente no arquipélago de Svalbard existem algumas centenas, em condições variadas de preservação. Essas choupanas desempenharam desde funções científicas e exploratórias a missões oficiais de um a outro tipo, servindo a praticantes de caça e caça remota, até a trabalhos de prospecção e mineração. Os estilos e os materiais utilizados na construção das choupanas no Ártico, bem como os desafios envolvidos para sua preservação, são extremamente similares aos da Antártica. Desse modo, seria irresponsabilidade não se valer de recursos profissionais já utilizados / desenvolvidos em uma região para a proteção de choupanas em outra localidade.



Uma tradicional e protegida choupana para caça remota, com antena de rádio, refletindo uso temporário atual como base científica. Foto: Susan Barr.

Ao que o homem avançou em direção a essas “áreas brancas no mapa”, a exploração de recursos naturais foi ou a força motriz da expansão ou um resultado das descobertas feitas por exploradores e cientistas que tinham suas razões próprias para viajar ao desconhecido. Foi natural seguir os recursos marinhos – morsas,

focas, baleias – até o gelo, primeiro até o Ártico, em seguida até a Antártica, onde a caça às focas se tornou uma atividade consolidada nas ilhas Shetland do Sul já no início do século XIX⁴. A atividade baleeira no Ártico expandiu para a Antártica no início do século XX, onde os vestígios das estações baleeiras industriais na ilha Deception, nas Shetland do Sul, e as estações sub-Antárticas da Geórgia do Sul, particularmente Grytviken, são grandes atrações turísticas.



As baleias eram processadas na Baía Whalers, na ilha Deception, desde 1906-31 e os vestígios industriais são um monumento impressionante dessa atividade. Foto: Susan Barr.

Os vestígios da atividade baleeira no Alto Ártico datam do início do século XVII, com Svalbard e Jan Mayen contendo um número de sítios importantes, desde os inícios da caça holandesa e inglesa. Vestígios industriais, como os da Baía Whalers (ilha Deception) e das estações na Geórgia do Sul, no entanto, são relacionados a atividades mineradoras do mesmo período, i.e., a primeira parte do século XX. Tais sítios são encontrados em várias áreas do Ártico, à medida que o ouro, carvão, ferro, zinco, asbesto e outros minerais passaram a ser percebidos como o presente que um Ártico indomado poderia oferecer à civilização. Muito do que se pensava ser promissor se provou de fato decepcionante e os campos de prospecção e de mineração foram simplesmente abandonados, ao que os mineiros deixaram suas ferramentas e subiram nos navios que os levariam de volta para suas casas, nos seus diversos países de origem. Edifícios, trilhos, máquinas e ferramentas foram deixados para apodrecer e enferrujar aos poucos,

4 Ver SENATORE, Maria X ; ZARANKIN, Andres . Widening the scope of antarctic heritage: Archaeology and the ugly, the dirty and the evil, in antarctic history. In: Susan Barr e Paul Chaplin. (Org.). Polar settlements - Location, techniques and conservation. Norway: ICOMOS-IPHC, 2011, v. , p. 51-60.

no clima frio e seco do pólo, fornecendo ampla quantidade de materiais para que arqueólogos industriais e historiadores pudessem estudar e para que os turistas pudessem contemplar.

O turismo é hoje a indústria que expande mais rapidamente nos pólos. Navios cruzeiros têm levado passageiros ao Alto Ártico de Svalbard desde o final do século XIX. O turismo de cruzeiro na Antártica começou quase 100 anos depois, na década de 1960. Para quase todos os cruzeiros em regiões polares, os sítios de patrimônio cultural estão no topo da lista de atrações que atraem os turistas para essas áreas.



A mina histórica de carvão 2B em Longyearbyen, em Svalbard, apresenta um grande desafio aos especialistas de conservação e aos gestores de patrimônio. Foto: Susan Barr.

MONUMENTOS E SÍTIOS DO ÁRTICO — SIMILARES, MAS DIFERENTES

A descrição acima mostra o quanto os monumentos e os sítios das duas regiões polares são similares. Ao mesmo tempo, são também óbvias as diferenças entre as áreas. O Ártico apresenta monumentos e sítios com datações bastante antigas, referentes aos seus primeiros habitantes conhecidos. No norte da Groenlândia, já foram estudados sítios de paleo-esquimós de 4500 anos atrás, enquanto em Barrow, vestígios dos inupiat do Alasca de 500-900 D. C. estão sendo recuperados da erosão marinha.

Em várias áreas há uma riqueza de vestígios culturais referentes a vários pe-

ríodos históricos diferentes. A ilha Herschel no norte da costa canadense é um exemplo, onde vestígios thule de 1000 anos de idade se encontram lado a lado com sítios referentes às atividades baleeiras americanas do século XX. Svalbard é caracterizada por sítios únicos, contendo vestígios de vários – senão de todos – períodos históricos, do começo do século XVII ao presente, já que os poucos sítios adequados para atividades tais como caça, caça remota, mineração e bases científicas, foram utilizados subseqüentemente.



Uma choupana norueguesa de caça remota, do início do século XX, construída sobre vestígios de uma cabana Pomor russa anterior, em Svalbard. Foto: Susan Barr.

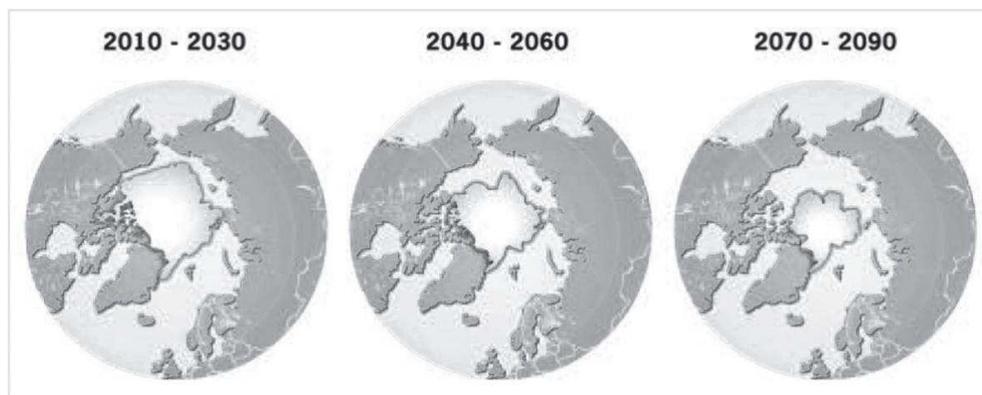
A acessibilidade relativa do Ártico, associada ao fato de que o clima nesse local (apesar de severo no inverno) é mais brando que o clima da Antártica, implica diferenças entre o patrimônio cultural ártico e o antártico. Apesar disso, todos os principais desafios à proteção e à preservação de sítios Árticos como descritos abaixo, serão considerados também relevantes às situações Antárticas.

MUDANÇA CLIMÁTICA — O DESAFIO POLAR

É um fato bem documentado⁵ que a atmosfera do Ártico está esquentando mais rapidamente que o aumento médio global. Tanto a extensão quanto a espessura da cobertura de gelo do mar no oceano Ártico estão diminuindo, levando a dificuldades para as comunidades e para a fauna da região, dependentes de condições de gelo estáveis para viagens de inverno e coleta de alimentos. Estruturas, tais

⁵ Ver por exemplo ACIA (Arctic Climate Impact Assessment) em <http://www.amap.no/acia/> e CICERO (Centre for international Climate and Environmental Research – Oslo) webnews 15.11.2009: "Arctic is warming faster than thought" http://www.cicero.uio.no/webnews/index_e.aspx?id=11235

como estradas, pontes e edifícios, também sofrem o impacto do derretimento do permafrost, que desestabiliza alicerces, e das águas glaciais, tomam cursos novos e mais violentos.



Estimativa das mudanças no pacote de gelo Ártico (ver o mínimo da extensão de gelo). Projeções baseadas nos modelos do do Relatório da Terceira Avaliação do IPCC (IPCC TAR). <http://maps.grida.no/go/graphic/projected-changesin-arctic-pack-icesea-ice-minimumextent>. Hugo Ahlenius, UNEP/GRID-Arendal

OS EFEITOS DA MUDANÇA CLIMÁTICA NA CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO INCLUEM:

Erosão costeira: A maioria dos monumentos e sítios do Alto Ártico é situada ao longo da costa, onde o acesso é mais fácil e as faunas marinha e terrestre têm seus habitats naturais. A diminuição do gelo do mar tem como consequência a remoção da proteção oferecida por cinturões de gelo ao longo da costa, frente à erosão causada por ondas. Esse fator, associado à desestabilização do permafrost, leva a um aumento rápido da erosão e à assimilação pelo mar de monumentos e sítios. Um efeito similar pode ser visto ao longo de cursos de rios, onde a água proveniente do derretimento glacial potencializa o problema.

Em alguns casos considerados apropriados, um monumento pequeno como uma choupana pode ser salvo da margem em erosão ao ser fisicamente removido da área de impacto. Isso já foi feito com uma edificação do período baleeiro americano na ilha de Herschel, no Canadá⁶. Em Svalbard, duas cabines pequenas

6 Ver Olynyk, Doug, 2004. Canada's Yukon Territory – Heritage at the Edge. In: Cultural Heritage in the Arctic and Antarctic Regions. IPHC publication, Norway pp.53-56. Ver, por exemplo, "Alaska permafrost thawing, Siberia frozen peatbogs melting" em http://www.thewe.cc/weplanet/news/arctic/permafrost_melting.htm e "York Factory – National Historic Site of Canada – Management Plan" em <http://www.pc.gc.ca/lln-nhs/mb/yorkfactory/plan.aspx>.

de caçadores também foram deslocadas dessa maneira, porém, estruturas como a Fábrica York, no Canadá, não possibilitam esse deslocamento para uma localização mais segura, devido a suas grandes dimensões. Outras medidas, tais como barreiras de pedras, concreto ou sacos de areia, podem ser usadas para atrasar ou interromper a erosão, como no caso do uso de sacos de areia na linha da costa em Barrow, Alasca. No entanto, essas barreiras não podem ser utilizadas em sítios mais remotos, além de serem uma intrusão incondizente com a paisagem.



Uso de sacos de areia na costa de Barrow, Alasca, na tentativa de prevenção frente à erosão provocada por ondas marítimas. Foto: Susan Barr

Derretimento do permafrost: O descongelamento do permafrost devido a altas temperaturas médias⁷ não somente leva à liberação de metano na atmosfera, como também tem como consequência a desestabilização de edifícios e estruturas que possuem alicerces em ou sobre permafrost, resultando em rachaduras e colapso dos mesmos. Em locais onde as lentes de gelo (áreas de gelo abaixo da superfície) derretem, podem aparecer grandes rachaduras e buracos no chão ou grandes blocos de chão podem cair. Em 2008, um cinturão de quatro metros na linha da costa, em Svalbard, colapsou repentinamente como resultado de tal tipo de descongelamento.

O sítio histórico nacional canadense da Fábrica York, na Baía Hudson, tem perdido área gradualmente devido à erosão, por décadas. O problema só aumenta e não é fácil encontrar soluções. Uma citação do Plano de Gestão descreve a situação:

⁷ Ver, por exemplo, “Alaska permafrost thawing, Siberia frozen peatbogs melting” at http://www.thewe.cc/weplanet/news/arctic/permafrost_melting.htm

York Factory under threat

York Factory is in trouble. As people who have lived and worked there know, erosion along the north bank of the Hayes River has been happening for a long time. York Factories I and II were lost to riverbank erosion, probably as long ago as 1900. It is estimated that much of the archaeological remains of York Factory III, the cemetery and the Depot, will be lost within 100 to 150 years at the current rate of bank loss. The rate of erosion has been about three meters / five years as averaged over a one hundred year period. However, in any given year or location along the bank, erosion can be minimal to extreme, with large slump blocks being common.

Permafrost decay and poor drainage also threaten York Factory's historical remains. York Factory is near the southern edge of permafrost in Canada. The site faces permafrost degradation from combined effects of climate warming, increased water drainage and the softening and sloughing of soils, which will also contribute to riverbank loss⁸.



A estação de ajuste e três postes para o sistema aéreo de transporte de carvão podem ser vistos no meio da encosta acima de Longyearbyen, Svalbard. Foto: Susan Barr.

8 "York Factory – National Historic Site of Canada – Management Plan" at <http://www.pc.gc.ca/lhn/nhs/mb/yorkfactory/plan.aspx>

Outro exemplo de perda de patrimônio cultural pelo descongelamento do permafrost – nesse caso também combinado com um aumento de precipitação – é a desestabilização de encostas ao redor do assentamento de Longyearbyen em Svalbard. Os postes do sistema de transporte aéreo de carvão entre a mina e o estaleiro estão em grave perigo de queda ou de deslizamento pela encosta. Nesse caso, também é difícil ver quais soluções podem ser implementadas para estabilizar e salvar os postes do seu destino aparente.

Intensificação da deterioração de estruturas e vestígios e do crescimento de fungos: Tradicionalmente, por um lado, pensava-se o Alto Ártico como livre de deterioração, mofo e fungos, devido ao clima frio e seco. De fato, os enterramentos do século XVII descobertos em Svalbard na década de 1980 continham esqueletos com alguma quantidade de cabelos e pele ainda intactos nos crânios e apresentavam roupagem de lã, quase em seu estado original⁹. Entretanto, no Alto Ártico, existem ambientes micro-climáticos quentes e úmidos, que favorecem o crescimento de mofo e as deteriorações. Tais micro-climas estão, por exemplo, concentrados em paredes protegidas de choupanas, onde a luz do sol penetra pouco. Particularmente, essas concentrações ocorrem onde as tábuas de madeira encontram o solo, turfa ou outro material que ofereça proteção do efeito secante do vento, ou, ainda, dentro de edificações onde a luz solar de 24hs do verão atravessa uma janela de vidro e encontra umidade advinda de neve e gelo derretido.



Fungos em edificação a 80°N, em Svalbard. Foto: Susan Barr.

9 Hacquebord, Louwrens 1984: Smeerenburg; het verblijf van Nederlandse walvisvaarders op de westkust van Spitsbergen in de 17de eeuw. Disertatie. Amsterdam/Groningen.

A mudança no clima está levando a condições menos frias e mais úmidas no Ártico e, assim, tem propiciado e acelerado as ocorrências de deterioração / apodrecimento e de fungos¹⁰. Esse é um grande desafio para especialistas de conservação, por exemplo, de choupanas históricas no Ártico, onde a questão acerca da autenticidade de materiais compete com um método mais drástico de troca de partes grandes da estrutura. Se todas as tábuas constituintes de uma choupana simples apodreceram na base onde elas estiveram em contato com o solo úmido, devem ser substituídas as tábuas inteiras ou somente as porções apodrecidas de cada uma? Se a primeira opção é escolhida, o que sobra da construção original?



A base de uma edificação em Svalbard apodreceu pelo contato com o solo. Ela foi então suspensa, antes da substituição da madeira apodrecida por novos materiais. Foto: Susan Barr.

Turismo crescente: À medida que a barreira de gelo ao redor do Ártico retrai, áreas abrem-se ao trânsito de cruzeiros ou de outros navios, que até então estariam receosos em navegar em águas com presença de gelo. Associadamente ao fato de que turistas modernos buscam novas experiências em todos os cantos do mundo, e em breve talvez até mesmo fora do globo, os monumentos e sítios Árticos têm sido rapidamente abertos para um tráfego que, no pior dos casos, pode danificar ou mesmo destruir os próprios valores que os turistas buscam experimentar.

10 Ver Farrell, Roberta, Blanchette, Robert et al 2004: Scientific evaluation of deterioration in historic huts of Ross Island, Antarctica. In: Polar Monuments and Sites: Cultural heritage work in the Arctic and Antarctic Regions. IPHC, Norway. Ver também Mattsson, Johan and Flyen, Anne-Cathrine 2008: Bio-deterioration in buildings in Svalbard. In: Historical Polar Bases – Preservation and Management. IPHC, Norway.



Turistas ao redor de um sítio histórico frágil e importante, em Franz Josef Land. Foto: P. J. Capelotti.

Existem várias maneiras de satisfazer o desejo legítimo do público interessado em ver os monumentos e sítios únicos do Ártico e, ao mesmo tempo, reconhecer que esses sítios necessitam de proteção frente ao desgaste causado pelos vários visitantes que recebem. A melhor solução para todas as partes é a troca de informação e a cooperação entre os gestores / especialistas em conservação e as agências de turismo e guias, para assegurar a visita não-invasiva e não-impactante aos sítios. Os visitantes podem ser aconselhados a usarem determinados caminhos, evitando certas áreas dos sítios, ou mesmo a se manterem a uma distância designada dos sítios, distância tal que permita a observação desses, mas sem contato real. Sinais ou barreiras não combinam muito bem com o caráter aberto e mais ou menos intocado desses locais, e esse método de informação e controle deve ser usado com moderação. Em outros casos, pode ser julgado necessário fechar certos sítios ao público. Leis aplicadas a Svalbard, efetivadas em 1º de Janeiro de 2010, proíbem ou regulam o acesso a nove sítios de importância particular, para mantê-los o mais bem preservados possível frente ao impacto antrópico. Essa restrição foi aceita em sua maior parte sem muitas objeções pelas empresas de navios cruzeiros, já que reconhecia que havia vários outros sítios em Svalbard ainda abertos para turismo. Restrição à visita de sítios importantes é prática também global, fato exemplificado pelas restrições às conhecidas cavernas de Lascaux na França e suas pinturas únicas do paleolítico.

A vegetação do Alto Ártico é frágil e se encontra no limite do crescimento possível, devido a aspectos climáticos. O pisoteamento pode facilmente desgastar a pouca vegetação existente. O resultado disso é uma rede de caminhos até os sítios

e ao seu redor. Além disso, os sítios podem perder sua vegetação de proteção, expondo vestígios arqueológicos a um aumento da degradação ou da erosão natural.



Casa Northumberland, na ilha de Beechey, Canadá – famosa pelas expedições de Franklin e repleta de vestígios históricos espalhados, que podem ser facilmente destroçados pelo pisoteamento de visitantes descuidados. Foto: Susan Barr.

A degradação antrópica de sítios por visitantes que deliberadamente danificam ou removem material é um problema que pede por informação e monitoramento extra, o último sendo de mais fácil controle quando os visitantes estão em grupos organizados, típicos do turismo de cruzeiro. Mesmo em tais grupos controlados, o dano não intencional pode ser causado por visitantes – ou mesmo por guias – pisoteando os vestígios soltos e espalhados, que frequentemente circundam os sítios¹¹.

COOPERAÇÃO PROFISSIONAL

Desde a formação do IPHC em 2000, foram realizadas duas conferências, além de outros encontros menores e numerosas trocas de emails. Essa é a terceira publicação e é resultado da última conferência sediada em Punta Arenas, no Chile, em abril de 2010. Na conferência sediada em Barrow, Alasca, em setembro de 2007¹², durante uma sessão de vídeo-conferência, os participantes foram conectados a especialistas em conservação, localizados na base Scott da

11 Ver Roura, Ricardo. “From extraction to exhibition: Tourism at a disused marble quarry at Ny-London, Svalbard”. IN: Susan Barr e Paul Chaplin (orgs). *Polar settlements - location, techniques and conservation*. Norway: ICOMOS-IPHC, 2011.

12 Barr, S. and Chaplin, P. 2007: *Historical Polar Bases – Preservation and Management*. IPHC, Norway.

Nova Zelândia, Antártica, sobre artefatos sobre as choupanas de Scott e de Shackleton, na ilha Ross. Foi possível aos participantes ver exemplos dos artefatos e discutir os desafios da conservação, que são comuns àqueles que trabalham em ambas as regiões polares.

A conclusão foi óbvia: tal diálogo e cooperação profissional exemplificados por essa troca resultará benéfica tanto à gestão quanto à conservação do frágil patrimônio das regiões polares.

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

- ACIA (Arctic Climate Impact Assessment) em <http://www.amap.no/acia/> e CICERO (Centre for international Climate and Environmental Research – Oslo) webnews 15.11.2009: “Arctic is warming faster than thought” http://www.cicero.uio.no/webnews/index_e.aspx?id=11235
- BARR, S. e CHAPLIN, P. *Historical Polar Bases – Preservation and Management*. IPHC, Norway. 2007.
- FARRELL, Roberta, BLANCHETTE, Robert, et al. “Scientific evaluation of deterioration in historic huts of Ross Island, Antarctica”. In: *Polar Monuments and Sites: Cultural heritage work in the Arctic and Antarctic Regions*. IPHC, Norway and Mattsson, Johan. 2004.
- FLYEN, Anne-Cathrine. “Bio-deterioration in buildings in Svalbard”. In: *Historical Polar Bases – Preservation and Management*. IPHC, Norway. 2008
- HACQUEBORD, Louwrens. “Smeerenburg: het verblijf van Nederlandse walvisvaarders op de westkust van Spitsbergen in de 17de eeuw”. Disertatie. Amsterdam/ Groningen. 1984.
- OLYNYK, Doug. “Canada’s Yukon Territory – Heritage at the Edge”. In: *Cultural Heritage in the Arctic and Antarctic Regions*. IPHC publication, Norway, 2004. Pp.53-56.
- PEARSON, M. e STEHBERG, R. “Geographic and technological influences on the location, nature and conservation of 19th century sealing sites in the South Shetland Islands” In: Susan Barr e Paul Chaplin (orgs). *Polar settlements - location, techniques and conservation*. Norway: ICOMOS-IPHC, 2011.
- ROURA, Ricardo. “From extraction to exhibition: Tourism at a disused marble quarry at Ny-London, Svalbard”. In: Susan Barr e Paul Chaplin (orgs). *Polar settlements - location, techniques and conservation*. Norway: ICOMOS-IPHC, 2011.
- SENATORE, Maria X ; ZARANKIN, Andres. “Widening the scope of antarctic heritage: Archaeology and the ugly, the dirty and the evil, in antarctic history”. In: Susan Barr e Paul Chaplin (Org.). *Polar settlements - Location, techniques and conservation*. Norway: ICOMOS-IPHC, 2011, p. 51-60.
- STEHBERG, Ruben. “Archaeologists document historical heritage in the South Shetland Islands”. In: *Polar Monuments and Sites: Cultural heritage work in the Arctic and Antarctic Regions*. IPHC, Norway. 2004.

STEHBERG, R., PEARSON, M., ZARANKIN, A., SENATORE, X. and GATICA, C. “Protection and preservation of the oldest sites of the Antarctic: the case of Fildes Peninsula and Byers Peninsula in the South Shetland Islands”. In: *Historical Polar Bases – Preservation and Management*. IPHC, Norway. 2008.

s/a. “Alaska permafrost thawing, Siberia frozen peatbogs melting” at http://www.thewe.cc/weplanet/news/arctic/permafrost_melting.htm

s/a. “York Factory – National Historic Site of Canada – Management Plan” at <http://www.pc.gc.ca/lhnhhs/mb/yorkfactory/plan.aspx>

